

16º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

28 DE SETEMBRO DE 2025

LUCAS 16.19-31

1 TEMA DO DIA: ONDE REPOUSA A CONFIANÇA DO NOSSO CORAÇÃO?

“Um deus significa aquele de quem esperamos todo o bem e em quem nos refugiamos em todas as angústias. Ter um deus não é outra coisa senão confiar nele de coração e crer nele. [...] Aquilo, portanto, em que depositas o teu coração e em que confias verdadeiramente, isso é propriamente o teu deus.” (Martinho Lutero, Catecismo Maior, na explicação ao Primeiro Mandamento).

A ordem de leituras proposta para o 16º Domingo após Pentecostes apresenta um eixo hermenêutico fundamental: a questão da confiança. Os textos se conectam entre si no confronto as falsas seguranças do coração humano e destacam que somente no SENHOR existe verdadeira e duradoura consolação. O contraste entre a confiança depositada em realidades passageiras e a fé que repousa no Deus eterno é o fio condutor que liga os textos do Antigo e do Novo Testamento à parábola de Jesus no Evangelho.

2 LEITURAS INDICADAS

2.1 Salmo do dia

O Salmo 146 inaugura o grupo dos “Salmos de Aleluia” e propõe, desde o início, uma exortação a não confiar em “príncipes” nem em líderes humanos, pois estes são mortais e incapazes de oferecer salvação. O salmista desenvolve sua reflexão, não de forma abstrata, mas enraizada em ações concretas de Deus na história: Ele cria e sustenta, julga com justiça, liberta os oprimidos, alimenta os famintos, abre os olhos dos cegos, ergue os abatidos e guarda o estrangeiro, a viúva e o órfão. Trata-se de uma confissão de fé que ressalta tanto o poder criador de Deus quanto sua misericórdia atuante em favor dos vulneráveis. É significativo que tais atributos de Deus se tornam tão

evidentes na vida e ministério de Jesus Cristo, que encarnou esse cuidado misericordioso de maneira visível e concreta. Assim, a confiança em Deus não é algo abstrato, distante de nossa realidade, mas repousa em sua ação salvífica que se manifesta na criação, no cuidado diário e, de um modo muito especial, na obra redentora de Cristo Jesus.

2.2 Antigo Testamento

Em contraste com essa confiança verdadeira, o texto de Amós 6.1-7 denuncia a confiança ilusória da elite de Samaria e Jerusalém, que viviam uma falsa autossuficiência. O contexto é de prosperidade econômica e aparente estabilidade política, mas a fartura levou à indiferença em relação às necessidades do próximo e ao reconhecimento da dependência de Deus. O profeta descreve cenas de ostentação – leitões de marfim, banquetes, músicas e perfumes caros – como expressão de uma falsa segurança, enquanto os pobres eram negligenciados. A crítica de Amós não é meramente social, mas teológica: a indiferença para com o próximo necessitado revela a substituição da confiança em Deus pela confiança em riquezas e privilégios mundanos e passageiros. Tal idolatria, mascarada de luxo, afastou o povo da Palavra e reduziu a religião a um mero ritual desvinculado da aplicação prática no viver diário. O anúncio profético culmina com a sentença: “Portanto, vocês estarão entre os primeiros que serão levados para o cativeiro” (v.7a). Assim, Amós expõe o perigo do comodismo espiritual, no qual a fartura material anestesia a consciência e gera indiferença diante de Deus e da realidade de sofrimento do próximo.

2.3 Primeira opção da Epístola

A primeira carta a Timóteo oferece dois recortes possíveis. Em 1Timóteo 3.1-13, Paulo apresenta as qualificações para os bispos e diáconos. Mais do que uma lista de atribuições, o texto deve ser lido como expressão de uma espiritualidade aplicada na vida diária, em que as virtudes requeridas são fruto da confiança em Deus. Hospitalidade, sobriedade, domínio próprio, não ganância, vida familiar equilibrada e boa reputação são sinais concretos de que a fé não se limita à confissão verbal, mas

molda o caráter e a vida. A comunidade é chamada a ver seus líderes como exemplos vivos daquilo que significa repousar a confiança no Senhor e não em ganhos pessoais.

2.4 Segunda opção da Epístola

Já em 1Timóteo 6.6-19, Paulo adverte contra o perigo da ganância e do amor às riquezas. A riqueza em si não é condenada, mas o amor ao dinheiro é qualificado como “raiz de todos os males”. O texto ressalta que o verdadeiro contentamento não provém do acúmulo, mas da sabedoria de se estar satisfeita com o que Deus provê. Trata-se de uma crítica à ilusão de segurança que as riquezas oferecem, contrapondo a ela a verdadeira riqueza que é a fé em Cristo Jesus. Ao mesmo tempo, Paulo orienta que aqueles que possuem bens, movidos pela fé verdadeira, usem-nos como instrumentos de serviço e generosidade, “ajuntando para si mesmos um tesouro que é sólido fundamento para o futuro”. A confiança que se volta para Cristo transforma-se, assim, em generosidade concreta e em uma vida marcada pela gratidão.

2.5 Evangelho

O Evangelho de Lucas 16.19-31, por sua vez, oferece a parábola do rico e Lázaro. Jesus constrói uma narrativa de contrastes relevantes: de um lado, o homem rico que se veste de púrpura e vive em festas esplêndidas; de outro, o mendigo chamado Lázaro, coberto de feridas, desejando alimentar-se das migalhas. A narrativa dá nome apenas ao pobre, sinalizando que, aos olhos de Deus, a identidade e dignidade de Lázaro são preservadas, enquanto a figura do rico é anônima. Após a morte, a situação se inverte: Lázaro é consolado, enquanto o rico é atormentado. O ensino central não é que a pobreza por si só salva, nem que a riqueza por si só condena, mas que a confiança nas riquezas, no luxo e no prazer passageiros, acompanhada de indiferença ao próximo, conduz à perdição. A parábola enfatiza ainda a irreversibilidade do destino pós-morte, deixando evidente a urgência de ouvir a Palavra de Deus no “tempo da graça”.

3 DESTAQUES

A conexão entre os textos é clara: enquanto o salmista proclama que a confiança deve estar no Senhor que reina eternamente, Amós denuncia a confiança enganosa nos prazeres e riquezas que anestesiam a fé. Paulo, em sua carta, lembra que a verdadeira riqueza é o contentamento em Cristo e que o ministério cristão exige uma vida coerente com a fé. Jesus, por fim, ilustra de forma clara as consequências eternas de uma vida centrada apenas nos bens materiais e indiferente à misericórdia. Em todos os textos se torna evidente a mesma advertência: a falsa confiança conduz à ruína, mas a fé em Deus conduz à vida verdadeira.

Do ponto de vista homilético, os textos desafiam a comunidade cristã a uma reflexão profunda sobre onde repousa a confiança do coração humano. Vivemos em uma sociedade que, como no tempo de Amós, frequentemente mede o valor das pessoas por seus bens ou posição social. As tentações de colocar nossa segurança em líderes políticos, em estruturas econômicas ou no poder do dinheiro continuam atuais. Contra isso, a Palavra de Deus lembra que tudo isso é passageiro e incapaz de nos salvar. A verdadeira consolação está apenas em Cristo, que se fez pobre para nos enriquecer com o perdão, a vida e salvação eterna.

A ênfase homilética pode ser desenvolvida em três direções principais. Primeiramente, na dimensão teológica, ressaltando que somente Deus é digno de confiança e que tudo o mais é idolatria. Em segundo lugar, na dimensão ética, mostrando que a confiança em Deus gera compaixão e responsabilidade diante das necessidades do próximo. Finalmente, na dimensão escatológica, apontando para a urgência de dar ouvido à Palavra de Deus, pois depois da morte não há retorno nem nova oportunidade.

Assim, o 16º Domingo após Pentecostes nos convida a proclamar, de forma clara e pastoral, que a confiança no Senhor é a única fonte de consolação verdadeira. Tudo o que é terreno pode falhar, mas em Cristo temos a garantia de uma herança incorruptível. Nele somos chamados a viver já neste mundo como pessoas satisfeitas, generosas e compassivas, testemunhando que nossa segurança não repousa no que é visível, mas no Deus que reina para sempre.

Pr. Rodrigo Erstling
São Lourenço do Sul, RS